

## CINCO DESAFIOS PRÁTICOS PARA A EXPOSIÇÃO BÍBLICA EM UM MUNDO ANTIPREGAÇÃO

**João Reinaldo Purin Jr**

Mestre em Missiologia pela *Southeastern Baptist Theological Seminary*, EUA. Formação Executiva de Líderes, Gestão de Pessoas com Ênfase em Liderança Organizacional pela Fundação Getúlio Vargas - FGV. Bacharelado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Pastor da Igreja Batista do Méier. Docência em Teologia com especialização em Ministério Pastoral.

## CINCO DESAFIOS PRÁTICOS PARA A EXPOSIÇÃO BÍBLICA EM UM MUNDO ANTIPREGAÇÃO

### **Resumo**

O presente artigo descreve o cenário enfrentado pela pregação na atualidade. O texto desenvolve as principais características da cultura contemporânea que moldam a mentalidade do ouvinte deste tempo. Tais características se firmam no esforço de negar a existência de Deus. O texto descreve a experiência pessoal do autor, pregador há 30 anos, e suas observações de como os tempos têm sido desafiadores a cada época. O propósito consiste em despertar pregadores, igrejas, missionários e seminários teológicos para a importância de compreender o tempo presente, a fim de oferecer uma pregação que seja resultado de profundos estudos, corajosa reflexão, grande empenho, elevada sensibilidade e intrepidez espiritual. A leitura do artigo proporcionará uma visão clara dos desafios que o pregador enfrenta e oferecerá uma proposta para a gloriosa tarefa de proclamar o Evangelho mesmo quando os tempos forem desfavoráveis.

**Palavras-Chave:** homilética, desafios, pregação, contemporaneidade, relevância, missiologia, cosmovisão, cultura

### **Abstract**

This article describes the scenario faced by preaching today. The text develops the main characteristics of contemporary culture that shape the listener's mentality of this time. Such characteristics are established in the effort to deny the existence of God. The text describes the personal experience of the author, a preacher for 30 years, and his observations of how times have been challenging in each era. The purpose is to awaken preachers, churches, missionaries, and theological seminaries to the importance of understanding the present time, in order to offer preaching that is the result of deep studies, courageous reflection, great commitment, high sensitivity, and spiritual fearlessness. Reading the article will provide a clear view of the challenges that the preacher faces and will offer a proposal for the glorious task of proclaiming the Gospel even when times are unfavorable.

**Keywords:** homiletics, challenges, preaching, contemporaneity, relevance, missiology, cosmovision, culture

## Introdução

Quando eu ainda era adolescente, tive a oportunidade de pregar pela primeira vez. A experiência me deu a chance de sentir um misto de emoções – entusiasmo, nervosismo, alegria culminando com frustração. O resultado não foi bem o que eu esperava. Lembro-me muito bem daquele sentimento de que eu deveria ter sido muito melhor do que fui. Afinal, já naquela época, eu tinha referências de bons pregadores. Homens e mulheres que dominavam o púlpito com efetiva destreza, pois conseguiam apresentar a mensagem com clareza inspiradora. Trago na memória aquela manhã quando eu tinha as ideias em mente sobre o que pregar a respeito da paz de Cristo, porém faltaram elementos que me capacitassem a fazê-lo com excelência. Afinal, eu era apenas um menino.

Com o passar do tempo, o amor pela pregação foi sendo lapidado e amadurecido. Vieram, então, os anos nas salas de aulas do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, quando os estudos da Homilética abriram os horizontes para a compreensão da beleza da pregação bíblica. Junto com a beleza, veio também a consciência e responsabilidade diante da nobreza dessa tarefa.[1] Não falamos de nós mesmos, como afirma o apóstolo Paulo: “Porque não pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo como Senhor” (2Co 4:5). Aprendi que a pregação é falar a partir do coração de Deus para o coração do homem. Se não for esta a premissa, será nada além de um discurso com palavras vazias sem qualquer poder transformador.

Hoje, com quase 30 anos de peregrinação no ministério pastoral, tendo vivido experiências profundas de amadurecimento do púlpito, o coração arde cada vez mais diante da tarefa de ser portador da fala de Deus para a humanidade.

---

[1] ROBINSON, Haddon W. A Pregação bíblica: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1983.

A pregação tem representado a “teologia em chamas” referida por Lloyd-Jones.[2] Entretanto, com o passar dos anos, tenho observado com apreensão uma mudança gradual, porém muito rápida, no modo como as pessoas reagem à mensagem das Escrituras. John Stott declarou que “os profetas da desgraça na igreja de hoje estão predizendo, com confiança, que já se passaram os dias da pregação”.[3]

De fato, o cenário não é favorável à mensagem de Deus para a humanidade. Mesmo a Igreja primitiva, diferente do que muitos podem pensar, já sofria vários obstáculos para o sucesso na evangelização.[4] De tempos em tempos levantam-se forças contrárias ao propósito de Deus para o ser humano. Tais forças não são necessariamente físicas. São ainda mais perniciosas. São silenciosas, sedutoras e orbitam contextos acadêmicos como “novos conceitos” que visam atender à realidade do contexto atual. Afrontam a verdade bíblica por defini-la como antiquada, descontextualizada e extremista. Para a Igreja Primitiva, Green[5] cita motivos socioculturais, intelectuais e éticos de origem judaica, grega e romana para que os cristãos fossem malvistas e seu discurso fosse considerado uma falácia.

Hoje, quais são, portanto, essas forças que operam contrariamente à mensagem proveniente do púlpito? Por que as mensagens de hoje parecem não ter mais o poder que tinham em séculos passados? Por que os ouvintes têm adotado uma postura menos interessada e pouco submissa à verdade exposta pelas Escrituras? Essas perguntas são inquietantes para o coração de quem tem apreço, respeito e alegria no púlpito cristão. Se cremos que a Palavra Sagrada é a voz de Deus para tirar a humanidade das trevas e trazê-la para a luz, é tempo de conhecer os maiores desafios que a presente era oferece para a pregação.

---

[2] LLOYD-JONES, D. M. *Pregação e Pregadores*. 2ª ed. São Paulo: Fiel, 1991, s.p.

[3] STOTT, John. *Eu creio na pregação*. 1ª ed. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 51.

[4] Cf. GREEN, Michael. *Evangelização na Igreja Primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

[5] Idem

## O tempo da Pós-verdade

Em 2016, o termo “Pós-verdade” foi escolhido como a palavra do ano pelo respeitado Oxford Dictionaries.[6] Em inglês, post-truth quer dizer a preponderância das crenças e ideologias sobre a objetividade dos fatos. Nada mais atual e desafiador. Explicando melhor, pós-verdade em certas circunstâncias como a política, por exemplo, ou ainda em questões de crises humanitárias, significa que a opinião pública pode ser moldada mais pelos apelos emocionais ou pelas convicções de cada um do que pela consistência dos fatos.

Patrícia Blanco, presidente do Instituto Palavra Aberta, explica:

A novidade que vai inspirar, e já inspira a bem da verdade (sem trocadilhos), é uma maior responsabilidade e atenção sobre o que se publica ou se põe em circulação com o nome de “notícia”. Fica evidente, nesses tempos de pós-verdade, que não é suficiente apenas informar rapidamente, mas informar bem, com atenção para a veracidade dos fatos e seus processos. Pois fatos são teimosos e exigentes. Processos são como peças de um quebra-cabeça que vão se somando, se completando. É verdade que fatos podem ser acompanhados de comentários críticos, úteis para a compreensão dos acontecimentos e para formar a opinião e o saber público. Nunca será demasiado, contudo, a atenção para a veracidade dos fatos. E fatos são fatos, são os melhores antídotos contra as inverdades e a manipulação. [7]

---

[6] “Pós-verdade’ é eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford”. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/pos-verdade-e-eleita-a-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.ghtml>. Acesso em 2 mai. 2022.

[7] BLANCO, Patrícia. A era da pós-verdade? Disponível em: <https://www.palavraaberta.org.br/artigo/a-era-da-pos-verdade>. Acesso em: 14 abr. 2022.

Essa realidade afeta diretamente os púlpitos dos nossos dias. Se a verdade tem de ser checada com fatos, e se não isso não pode, por qualquer motivo acontecer, logo, o que a Bíblia diz, pode não ser verdade. Uma vez que as Escrituras tratam de um tema intangível, não-quantificável, imaterial, não são raras as vezes em que a exposição bíblica é colocada sob suspeita. O que se ensina é verdade? Aconteceu? Tem valor para a atualidade? Por que eu deveria acreditar nesses conceitos se estou em dúvida sobre se são verdadeiros ou mitos?

### **O excesso de autonomia**

O movimento da pós-modernidade foi descrito como a cultura e o movimento que conduziu a humanidade na virada do século XX para o século XXI. Rubem Amorese diz que aquele tempo se estabeleceu estribado em um tripé: a pluralização, a privatização e a secularização.[8] Por pluralização, define-se a condição de que é possível escolher entre uma variedade enorme de produtos em todos os níveis existenciais. O homem está debaixo do decreto da opção: tamanhos, cores, formas, preços, qualidades. Enfim, a sociedade está estabelecida na liberdade de escolha. Isto se reflete, também, nas escolhas e definições dos dogmas pelos quais se busca viver.

Ainda segundo Amorese, o segundo “pé” da pós-modernidade foi a privatização. Avançando a concepção da liberdade de escolha, concretizou-se a independência do indivíduo. Ou seja, pode-se fazer a escolha que se desejar sem submeter-se ao juízo de qualquer outro. Estabeleceu-se que a famosa frase “ninguém tem nada a ver com isso” passe a funcionar como regra. O privativo tomou conta da consciência e o senso comunitário foi sendo gradativamente aniquilado.

---

[8] AMORESE, Rubem Martins. *Icabode: da mente de Cristo à consciência moderna*. Viçosa: Ultimato, 1998, p. 48.

O último “pé” que a pós-modernidade lançou foi a secularização. O homem de hoje banuiu, por completo, Deus de sua consciência. As ideias são menos significativas e as instituições são marginalizadas. O mundo moderno, devido à fundamentação no avanço da ciência é muito exato para considerar a importância de um Deus que, por sua vez, não pode ser previsível, mensurável e exato.

O homem do século XXI se viu conduzido a uma atitude de autossuficiência que produziu uma autonomia nefasta. A necessidade de estar no controle de tudo deu ao indivíduo uma falsa sensação de que pela ciência e pelo conhecimento, teria tudo debaixo dos seus pés. Com isso, todas as autoridades conhecidas (família, escola, Estado, igreja, Bíblia, líderes e, finalmente, Deus) têm sido questionados. O mote passa a ser o famoso ditado “ninguém manda em mim”. A isso, John Stott chama de “ânimo antiautoridade”. A busca pela autonomia deu ao ser humano a intenção aguerrida de se rebelar. Stott diz:

Tudo quanto dá a impressão de “autoridade estabelecida”, ou seja, de privilégio entrincheirado ou de poder inassaltável, está sendo sujeito a escrutínio e a oposição. Um “radical” é exatamente alguém que faz perguntas inconvenientes e irreverentes a algum “estabelecimento” que antes se considerava imune à crítica.[9]

---

[9] STOTT, 2003, p. 53

## **O encurtamento da atenção**

Estudo realizado pela Microsoft Corp., mostrou que as pessoas na era digital perdem a atenção após 8 segundos[10]. A conclusão da pesquisa aponta que muitos dos pesquisados acabaram se adaptando a atividades multitarefas. Essas mudanças são resultado da capacidade do cérebro de se adaptar e ser moldado a longo do tempo. Sem dúvida, um menor poder de concentração pode ser efeito colateral da revolução da internet e o excesso de informações. Efeitos de uma era acelerada que nos “impôs” um estilo de vida que é cada vez mais digital e rápido.

Com essas informações, tente imaginar uma pregação que dure mais do que 30 minutos hoje? Se o pregador não tiver sensibilidade para lidar com a tarefa do púlpito, o momento da pregação poderá facilmente se tornar monótono, cansativo e dispersivo. Numa sociedade cada vez mais instantânea, o pregador deve se preparar para lidar com a fragilidade na concentração do ouvinte. Não significa dizer, com isso, que não haja espaço para sermões com mais do que 30 minutos. O que se pode afirmar com convicção é que se a exposição bíblica for longa, mais difícil será, também, a tarefa de manter os ouvintes atentos e conectados com o pensamento do pregador.

## **O domínio do ceticismo**

O ceticismo é um dos resultados da arrogância do homem que deseja independe-se de Deus, culminado com o individualismo. Ceticismo também é tolice e é o mesmo que apoiar-se em sua própria inteligência e zombar de Deus (Pv 3:5, 6). Crer em Deus, no seu poder e na autoridade da sua Palavra deixou de ser tudo sobre o qual o homem deve se apoiar. Timothy Keller explica com riqueza de detalhes onde estamos:

---

[10] Disponível em: <https://advertising.microsoft.com/en/cl/31966/how-does-digital-affect-canadian-attention-spans>. Acesso em: 14 abr. 2022.

No princípio da era moderna, – do século 17 ao 19 – dizia-se que tínhamos de abandonar toda tradição e toda crença religiosa e chegar à verdade somente pela razão. Foi um deslocamento inédito em direção ao individualismo, a ideia de que toda pessoa tinha dentro de si a capacidade de descobrir a verdade sem o auxílio da sabedoria antiga ou da revelação divina. Em tempos mais antigos, ainda vigorava o pensamento de que havia absolutos morais e leis naturais a serem seguidas. Mas então, com o pensamento moderno, passou-se a dizer que podíamos descobri-los por conta própria, por meio dos nossos próprios poderes de vigilância exaustiva.[11]

Ao intensificar os padrões humanos e individualistas, o homem passou a acreditar que tem poder superior ao que foi transmitido a Adão (Gn. 1: 26,27). Depois disso, decidiu apropriar-se daquilo que não criou como se fosse seu dono. Sem que percebesse, em vez de cultivar e guardar o jardim (Gn 2: 17), o homem passou a ser um explorador insaciável. Agora, quase que irracionalmente, encontra-se escravizado pelo prazer indômito. Perdeu o domínio próprio e sobre todas as coisas criadas.

### **O conflito ciência X espiritualidade**

Para muitos, a relação entre a fé e a ciência sempre foi conflituosa. Não são raros pensamentos que colocam as duas realidades em campos opostos que sempre tencionam entre si. A religião trata da alma, da transcendência, do sobrenatural, de conceitos que não podem ser mensurados ou verificados. A ciência, por sua vez, lida com a razão, com o lógico, com o comprovável e ponderável. Porém, isso não foi sempre assim. A história da ciência possui em suas galerias nomes honoráveis de pesquisadores que tinham seus valores enraizados nos preceitos do cristianismo.

Augustus Nicodemus, em sua obra *O que estão fazendo com a igreja?* busca uma explicação para essa ruptura na relação entre fé e religião:

---

[11] KELLER, Timohty. *Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo*. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2017

Acredito, portanto, que a razão maior para que a parceria entre cosmovisão cristã e verdadeira ciência cessasse foi a predominância inexorável da visão naturalista e materialista de mundo, após o Iluminismo. A separação entre a teologia e outras áreas do saber é fruto do Iluminismo e da filosofia kantiana.[12]

A pregação pode se apresentar conciliadora entre a fé e as demais ciências. Ela não opera no mundo sozinha. Ela pode contribuir com o significado do saber. A teologia pode ser parceira da aplicação na ciência sustentada por valores e pressupostos que alcançam o que a ciência não consegue – o coração como repositório de toda a realidade imaterial da nossa existência.

Púlpitos que se expressam pelo extremismo religioso tendem a severizar essa tensão, pois apregoam o desprezo pelo conhecimento humano, marginalizam as academias e rotulam cientistas como seres desalmados. Se a pregação voltar a se conectar com o homem independentemente de quem seja, tocará o interior e oferecerá o enchimento do vazio que todo ser humano possui – esperança.

Diante do cenário descrito, repercutem as palavras do apóstolo Paulo ao jovem pregador Timóteo:

Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, se rodearão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos. Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas. Mas você seja sóbrio em todas as coisas, suporte as aflições, faça o trabalho de um evangelista, cumpra plenamente o seu ministério (2Tm 4:3, grifo meu).

---

[12] LOPES, A. N. O que estão fazendo com a igreja: Ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 71.

O encorajamento de Paulo a Timóteo parece ter sido escrito para hoje. A pregação enfrenta desafios de uma geração que, ainda que de outros modos, se comporta como a de Paulo. Afinal, desde o Éden, a Palavra de Deus é dirigida para aqueles que hoje ainda desobedecem e, ao comerem o fruto proibido, desejam assumir o controle de si. É gente desde a antiguidade. Gente que não ouve, que vira as costas, que mata (ou cancela) o contraditório.

De tempos em tempos, surgem vozes que propõem uma revisão na mensagem. Admitem que uma atualização se faz necessária. Afinal, se o mundo mudou, a mensagem carece de uma adaptação para se manter relevante. Sob a justificativa da contextualização, negocia-se a verdade e esvazia-se o poder. Para esses, Keller contesta:

"[...] a contextualização está repleta de perigos [...]. Se, por um lado, você contextualiza demais e compromete o conteúdo real do evangelho, atrairá uma multidão, mas ninguém será transformado. Isso é simplesmente negligenciar o dever de pregador. Você estará, sobretudo, confirmando as pessoas em seu curso atual de vida. Por outro lado, se faltar contextualização, de tal maneira que sua comunicação do evangelho soe desnecessariamente estranha e distante, em termos culturais, de seu público, você verá que ninguém estará disposto a ouvi-lo. Com certeza isso significa que, de novo, ninguém será transformado pelo evangelho, por mais que você se esforce para colocar-se ao lado da verdade. Não há como evitar esse aspecto importante da comunicação do evangelho. [...] Para nós, a questão consiste em saber como comunicar a fé cristã em uma era secular cada vez mais hostil à fé em Deus e ao cristianismo especificamente. [13]

---

[13] KELLER, 2017, p. 124

A pregação para este tempo é a mesma de todas as eras. É a palavra que apresenta o propósito de Deus abandonado pelo homem. Que apresenta para o ser humano o quão longe tem ido de Deus. Suas escolhas, seus valores, sua conduta antagonizam com o que o Reino de Deus veio realizar. Ao invés da paz, o mundo escolhe as guerras e conflitos. No lugar da pureza e santidade, perversidade e ofensa. Onde poderia reinar o amor, impera o ódio e a amargura.

### **Conclusão**

A pregação para os dias atuais é a mesma, pois é a proclamação de vida e esperança que estão disponíveis por meio da Cruz. É a mensagem que permanece insistindo diante do coração aflito do ser humano: a ressurreição oferece a cada um o recomeço. Onde há medo, a cruz finca o amor. Onde domina a ameaça, a esperança se torna real. A pregação proclama a vida eterna que começa enquanto caminhamos na terra até que Cristo venha cumprir plenamente o plano redentor de Deus.

Ainda que os tempos tenham mudado, o ceticismo impere, o encurtamento da atenção do ouvinte seja real e mesmo que haja até quem sugira alterações na Mensagem, ela é imutável, assim como quem a proferiu (Hb 13:8). A preponderância dos sentimentos e das sensações sobre o que se poder definir e refletir e a supremacia do “eu” também são barreiras para que o púlpito encontre solos férteis (Mt 13:18-23).

Entretanto, como o propósito e a capacidade da Palavra de gerar salvação, paz, amor, confiança e tantas outras benesses no coração humano não mudam, a pregação fiel, consciente, responsável e cristocêntrica (2Co 4:5) será sempre o meio missional de Deus para resgatar sua criação.

## Referências

BARRO, Jorge H. (Org.). **O pastor urbano**. Londrina: Descoberta, 2003.

BLANCO, **Patrícia**. **A era da pós-verdade?**. Disponível em:

<https://www.palavraaberta.org.br/artigo/a-era-da-pos-verdade>. Acesso em: 14 abr. 2022.

COSTA, Jease. **Família Pós-Moderna** : A Família e os Desafios do Mundo Contemporâneo. 1ª ed. São Paulo: Abba Press, 2006.

CROATTO, J. S. **Hermenêutica Bíblica**. 1.ed. São Leopoldo: Editoria Sinodal, 1986.

DEVER, Mark. **Doze desafios que as igrejas enfrentam**. São Paulo: Vida Nova, 2020.

FISHER, David. **O Pastor do Século XXI**. São Paulo: Vida, 1999.

‘Pós-verdade’ é eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/pos-verdade-e-eleita-a-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.ghtml>. Acesso em: 2 Mai. 2022.

GUANAES, Daniel. **A Pregação como arte**: reflexões sobre a tarefa para proclamação do evangelho. 1ª ed. São Paulo: Editora Recriar, 2021.

GREEN, Michael. **Evangelização na Igreja Primitiva**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

HELM, David. **Pregação Expositiva**. Proclamando a Palavra de Deus Hoje. 9Marcas. São Paulo: Vida Nova , 2016.

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KELLER, Timothy. **Pregação**: comunicando a fé na era do ceticismo. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KEY, Jerry S. **O Preparo e a Pregação do Sermão**. 1ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

LACHLER, K. **Prega a Palavra**: passos para a pregação expositiva. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1990.

LEEMAN, Jonathan. **A igreja centrada na Palavra**: como as Escrituras dão vida e crescimento ao povo de Deus. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2019.

LEWIS, C. S. **Deus no banco dos réus**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Tomas Nelson, 2018.

LLOYD-JONES, D. M. **Pregação e Pregadores**. 2ª ed. São Paulo: Fiel, 1991.

LOPES, A. N.. **O que estão fazendo com a igreja**: Ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

LOPES, Neriél (Org.). **Cristianismo pós-pandemia**: impacto e oportunidades. São Paulo: Editora Vida, 2020.

MARTIN, Albert N. **O que há de errado com a pregação de hoje?** 1ª ed. São Paulo: Fiel, 2001.

MULLER, Roland. **O Mensageiro, A Mensagem, A Comunidade**. Atibaia: Editora Pregue a Palavra, 2012.

ORBIT DATASCIENCE. O que o brasileiro deseja fazer quando a pandemia acabar? Orbit Report. O pós-pandemia segundo a voz das redes sociais. Julho, 2020. Disponível em <https://www.orbitdatascience.com/estudo-quando-quarentena-acabar>. Acessado em: 27 Abr. 2022.

PACKER, J. I. **O conhecimento de Deus**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014.

PETERSON, E. **A maldição de Cristo genérico**: a banalização de Jesus na espiritualidade atual. São Paulo: Mundo Cristão. 2007.

PLATT, D. **Contra-cultura**: um chamado compassivo para confrontar um mundo de pobreza, casamento com pessoas do mesmo sexo. São Paulo: Vida Nova. 2016.

RAINER, Thom S. **A igreja pós-quarentena**: seis desafios e oportunidades urgentes que determinarão o futuro de sua congregação. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

ROBINSON, Haddon W. **A Pregação bíblica**: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1983.

SHEDD, Russel. **Palavra Viva**. São Paulo: Vida Nova. 2000.

SPURGEON, C. H. **Lições aos meus alunos**: homilética e teologia pastoral. 1ª ed. São Paulo: PES, 1990.

STOTT, John R. **A missão cristã no mundo moderno**. 1ª ed. Viçosa, MG: Ultimato, 2010.

STOTT, John R. **Eu creio na pregação**. 1ª ed. São Paulo: Editora Vida, 2003.

STOTT, John R. **O perfil do pregador**. 1ª ed. São Paulo: SEPAL, 1999.

WRIGHT, Christopher J. H. **A Missão do povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

---

Texto recebido em 26.05.2023 e aprovado em 30.06.2023